



OS FATORES QUE INFLUENCIAM NA ESCOLHA PROFISSIONAL DOS ADOLESCENTES QUE ESTUDAM EM ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO¹

THE FACTORS THAT INFLUENCE IN THE PROFESSIONAL CHOICE THE ADOLESCENT'S THAT STUDIES AT PUBLIC SCHOOLS OF THE STATE OF SÃO PAULO.

Solange do Nascimento Silva (autora)²
Armando Rocha Júnior (orientador)³

Resumo: O intuito desta pesquisa é caracterizar e discutir os fatores que influenciam na escolha profissional dos adolescentes que estudam em escolas públicas do Estado de São Paulo. Trabalhou-se com 32 (trinta e dois) sujeitos entre 14 e 18 anos que estudam em escolas públicas. Utilizou-se um questionário, elaborado pela própria pesquisadora, com o objetivo em identificar os sentimentos do jovem em relação aos estudos e a seu possível futuro acadêmico. Aplicou-se o teste EAC-IJ (escala de autoconceito infante-juvenil), destinado a avaliar, de maneira confiável, os níveis de autoconceito e a qualidade de relações que as pessoas estabelecem consigo mesmas e com as pessoas que as cercam. Depois, aplicou-se o teste QUATI (Questionário de Avaliação Tipológica), a fim de avaliar as características psicológicas presentes nos adolescentes. Através dos resultados obtidos podemos perceber que a maioria esmagadora apresenta um autoconceito baixo, não confia em si mesma, é insegura e precisa de apoio dos colegas, além de apresentar dificuldade de fazer mudanças, ter medo de não ser aceita pelas pessoas que a cercam e valorizar as pessoas pelo sentem por elas.

Palavras-chave: Adolescentes. Auto-conceito. Escolha profissional. Tipos psicológicos.

Abstract: *The intention of this research is to characterize and the factors that influence in the adolescent's professional choice that they study at public schools of the State of Sao Paulo to discuss. One worked with 32 (thirty two) subjects among 14 and 18 years that study at public schools. A questionnaire was used, elaborated by the own researcher, with the objective in identifying the youth's feelings in relation to the studies and his possible academic future. The test was applied EAC-IJ (scale of solemnity-concept infant-juvenile) destined to evaluate, in a reliable way, the solemnity levels - concept and the quality of relationships that the people establish with itself and with the people that surround them. Then the test QUATI was applied (Questionnaire of Evaluation Typological), in order to evaluate the characteristics psychological presents in the adolescents. Through the*

¹Número de registro no Comitê de Ética em Pesquisa – CET: parecer nº 90/2006, SISNEP/156. Data de aprovação: 14 de agosto de 2006

²ex-aluna de Psicologia da Universidade Guarulhos, pesquisadora do PIBIC.

Rua Conceição do Almeida n.º 113, Jardim Maia, São Miguel Paulista – São Paulo. Telefone: 6584-2182 celular 9965-8678 email solange@yahoo.com.br ou solangepsico@ibest.com.br.

³(orientador), professor-doutor e coordenador adjunto do curso de psicologia da Universidade Guarulhos.



obtained results we can notice that most smashing it presents a solemnity low concept, they don't trust in himself, they are insecure and they need the friend's support, they present a difficulty of changes, he is afraid of not being accepted by the people that surround them, they value the people for the they sit down for them.

Keywords: *Adolescents. Self-concept. Psychological Chaps.*

INTRODUÇÃO

O intuito desta pesquisa é caracterizar e discutir os fatores que influenciam na escolha profissional dos adolescentes que estudam em escolas públicas do Estado de São Paulo, considerando que estes adolescentes precisam enfrentar diversas mudanças tanto físicas como psicológicas. Conforme Aberastury e Knobel (1981), a adolescência é considerada como uma fase de reorganização emocional, turbulência e instabilidade, caracterizada pelo processo biopsíquico a que os adolescentes estão destinados. Estes possuem dificuldades que são próprias da idade e estão ligadas, principalmente, à passagem da infância para a fase adulta. Esta passagem é repleta de dificuldade e tensão, entre querer continuar a ser criança, e dependente dos outros, ou tornar-se um adulto, ter independência e liberdade, aceitar a responsabilidade pela sua própria sobrevivência e saber lidar com as cobranças feitas tanto pela família como pela sociedade.

Justifica-se a escolha do tema considerando-se a convivência cotidiana desta pesquisadora com adolescentes que estudam em escolas públicas, vivendo este momento especial de suas vidas, em que experimentam inúmeras modificações físicas e psicológicas. A realização desta pesquisa é relevante, pois, identificando-se os motivos ou possíveis dificuldades dos adolescentes que estudam em escolas públicas para fazerem suas escolhas profissionais, torna-se possível por meio de um trabalho de acompanhamento que envol-

va também seus pais ou responsáveis, buscar sanar ou amenizar, o quanto possível, suas dificuldades. Além disso, este estudo poderá ser útil para promover uma reflexão, que contribua para melhorar as condições sociais do aluno de escola pública, identificando e contribuindo para amenizar situações geradoras de preconceitos que levem ao isolamento e ao sofrimento do adolescente de baixa renda.

Apresenta-se como objetivo geral verificar os fatores que influenciam na escolha profissional dos adolescentes que estudam em escolas públicas do Estado de São Paulo. E como objetivos específicos: verificar os níveis de autoconceito presentes em alunos de escolas públicas de São Paulo; averiguar os sentimentos dos jovens em relação aos estudos e o possível futuro acadêmico; verificar se os adolescentes das escolas públicas são desmotivados pelas pessoas que os cercam e identificar as características psicológicas presentes em adolescentes estudantes de escolas públicas do Estado de São Paulo.

Tem-se a hipótese de que exista baixa auto-estima em adolescentes que estudam em escolas públicas, responsável por um sentimento de inferioridade que lhes impossibilite de ter uma adequada expectativa de futuro. Além disso, os adolescentes que estudam em escolas públicas são corriqueiramente desmotivados pelas pessoas que os cercam a buscar <por meio da escolaridade> uma condição de vida melhor.



REVISÃO DA LITERATURA

O desenvolvimento do ser humano consiste em mudanças relativamente duradouras e ordenadas que ocorrem ao longo do tempo, nas estruturas físicas e neurológicas, que afetam tanto os processos cognitivos como os de comportamento. Segundo Mussen, Conger, Kagan e Huston (2001), uma das tarefas do crescimento é desenvolver um sentido do eu, no qual o indivíduo tenta identificar-se e se ajusta à sociedade na qual vive, atribuindo valores tanto negativos como positivos a seus atributos, construindo sua auto-estima, avaliando suas próprias qualidades.

A menarca simboliza para as meninas que estão se tornando mulheres. Essas meninas, nesse período, sofrem transformações importantes em seus corpos. Nos meninos, por volta de 11 anos e meio, ocorrem os primeiros sinais externos de maturidade sexual; em geral, há um aumento no crescimento de testículos e do escroto, a voz geralmente se torna mais grave e pêlos começam a crescer em seus corpos. Segundo Campos (1987), o corpo e os traços físicos apresentam uma importante relação com a imagem que o indivíduo tem de si e com a idéia que faz de si mesmo aos olhos dos outros. Fica evidente que o adolescente se interessa pelo seu corpo em mudanças, não apenas devido às mutações que nele ocorrem, mas também porque passa a ter consciência da impressão que causa aos outros.

ADOLESCÊNCIA

A adolescência consiste em um período da vida do indivíduo no qual existem grandes modificações, tanto fisiológicos, quanto psicológicas. O termo adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer ou desenvolver-se até à maturidade.

A adolescência caracteriza-se sobretudo pelas mudanças físicas, as quais se refletem em todas as facetas do comportamento. Não só é certo que os adolescentes de ambos os sexos são profundamente afetados pelas mudanças físicas que ocorrem em seus corpos, como também, num plano mais sutil e inconsciente, o processo de pubescência afeta o desenvolvimento de seus interesses, seu comportamento social e a qualidade de sua vida afetiva (Blos, 1985, p. 11).

A adolescência tem sido considerada o período mais difícil do desenvolvimento humano. A puberdade, na qual a maturação sexual se torna evidente, é considerada a primeira fase da adolescência; porém, é necessário que a adolescência seja vista de outro modo, ou seja, como uma fase de transformações significativas para a vida do ser humano.

É preciso compreender que o crescimento muitas vezes ocorre como uma seqüência de mudanças súbitas, e não como uma progressão suave e paulatina. O crescimento intenso em altura, peso, musculatura, e o desenvolvimento de características sexuais primárias e secundárias podem ser acompanhados de estados emocionais relevantes. Uma modificação na imagem do próprio corpo. A maioria dos adolescentes preocupa-se, num momento ou em outro, com a normalidade de sua condição física; e a ausência de normas etárias bem definidas; quanto à fisiologia do adolescente, apenas contribui para a sua insegurança. As diferenças físicas entre indivíduos de um nível de maturidade comparável – e essas diferenças são ainda maiores num grupo da mesma etária – manifestam-se entre as meninas em variações do ciclo menstrual e no desenvolvimento dos seios, e entre os meninos em variações do desenvolvimento genital, mudança de voz, surgimento de pêlos faciais. Essas indicações notáveis de maturação



sexual dão ao crescimento físico significado altamente pessoal (Blos, 1985, p. 11).

Para Erikson (1976), o principal conflito do adolescente consiste na formação de sua identidade vocacional e pessoal. A falha em resolver este conflito pode ocasionar em uma confusão de papel ou da própria identidade do indivíduo.

O desenvolvimento da identidade é um processo que dura a vida toda, porém é de extrema importância para o adolescente saber sua identidade, tornar-se um ser diferente de seus pais, ou seja, um ser único.

Ao procurar sua identidade adolescente, o indivíduo recorre, como comportamento defensivo, à busca de uniformidade, que lhe garanta segurança e estima pessoal. Trata-se do espírito de grupo em que se dá uma superidentificação de massa, onde todos se identificam como cada um (Campos, 1987, p.117).

Na opinião de Mussen, Conger, Kagan e Huston (2001), a identidade vocacional é uma parte importante da identidade pessoal. As oportunidades para os adolescentes ganharem experiências de trabalho apropriado e construtivas podem dar a eles um senso de propósito e responsabilidade; ajudam a gerar um sentimento de participação significativa na sociedade, reduzindo as barreiras na comunicação entre adultos e jovens. Entretanto, de modo geral isso não ocorre para os tipos de emprego que são disponibilizados aos adolescentes.

De acordo com Aberastury e Knobel (1981), a adolescência é considerada como uma fase de reorganização emocional, turbulência e instabilidade, caracterizada pelo processo biopsíquico que acomete os adolescentes.

As dificuldades estão ligadas

principalmente à passagem da infância para a fase adulta, mudanças cheias de complexidade e tensão, margeadas entre querer continuar a ser criança, e dependente dos outros, ou tornar-se um adulto, ter independência e liberdade, aceitar a responsabilidade pela sua própria sobrevivência e saber lidar com as cobranças feitas tanto pela família como pela sociedade.

A PERSONALIDADE

Nas teorias acerca da formação da personalidade existem várias discussões e controvérsias. Esse tema sempre esteve em discussão na história de diversas áreas do conhecimento, como filosofia, psicologia, sociologia, antropologia, assim como da saúde em geral. Segundo Fadiman e Frager (1980), a personalidade emerge da interação entre as facetas instintuais e habituais da consciência e os aspectos pessoais e volitivos. As patologias, as diferenças pessoais, os estágios de desenvolvimento, a tendência à auto-realização e tudo o mais são redistribuições dos blocos de construções fundamentais fornecidas pela natureza e refinadas pela evolução.

Para Jung (1981), a personalidade é formada pela integração do ego, do inconsciente pessoal e coletivo, dos complexos, dos arquétipos, da *persona* e *anima*. Todo indivíduo possui uma tendência para a individuação ou autodesenvolvimento. Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo. Pode-se traduzir individuação como “tornar-se si mesmo”, ou “realização do si mesmo”. A individuação é um processo de desenvolvimento da totalidade e, portanto, do



movimento em direção a uma maior liberdade. Isso inclui o desenvolvimento do eixo ego-self, além da integração de várias partes da psique: ego, *persona*, sombra, *anima* ou *animus* e outros arquétipos inconscientes. Quando se tornam individuados, esses arquétipos se expressam de maneiras mais sutis e complexas. O primeiro passo no processo de individuação é o desnudamento da *persona*. Embora essa tenha funções protetoras importantes, ela é também uma máscara que esconde o *self* e o inconsciente. Ao analisarmos a *persona*, dissolvemos a máscara e descobrimos que, aparentando ser individual, ela é de fato coletiva; em outras palavras, a *persona* não passa de uma máscara da psique coletiva. No fundo, nada tem de real; ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade acerca daquilo que alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo.

Segundo Rogers (1997), a pessoa de funcionamento integral tem diversas características distintas, a primeira das quais é uma abertura à experiência. Há pouco ou nenhum uso das “subcepções”, esses primeiros sinais de alerta que restringem a percepção consciente. A pessoa está continuamente afastando-se de suas defesas na direção da experiência direta. A pessoa está mais aberta a seus sentimentos de receio, de desânimo e de desgosto. Fica igualmente mais aberto aos seus sentimentos de coragem, de ternura e de fervor. Torna-se mais capaz de viver completamente a experiência do seu organismo, em vez de a impedir de atingir a consciência. O engajamento contínuo e direto com a realidade permite dizer que o eu (*self*) e a personalidade emergem da experiência, em vez de dizer que a experiência foi traduzida ou deformada para se ajustar a uma estrutura preconcebida do eu. Uma pessoa é capaz de reestruturar suas respostas à medida que a experiência permite ou sugere novas possibilidades.

Perls (1988) considera o indivíduo como participante de um campo do qual ele é, embora diferenciado, também inseparável. As funções de contato e fuga são cruciais na determinação da existência de um indivíduo e esse aspecto de contato e fuga do meio ambiente inclui o relacionamento com outras pessoas. Na verdade, o sentido de pertencer a um grupo, segundo Perls (1988), é o nosso principal impulso de sobrevivência psicológica. A neurose resulta da rigidez na definição do limite de contato em relação às outras pessoas e de uma inabilidade em encontrar e manter com elas o equilíbrio. O conhecimento de suas próprias preferências leva ao conhecimento de suas necessidades; a emergência da necessidade dominante é experienciada como preferência pelo que satisfará a necessidade.

Para Erikson (1976), a personalidade desenvolve-se através dos aspectos psicossociais, baseados em “oito idades do homem”. A primeira idade caracteriza-se pela confiança básica versus desconfiança básica. A primeira demonstração dessa confiança social da criança pequena é a facilidade de sua alimentação, a profundidade do seu sono e a descontração de seus intestinos. Gradualmente, o indivíduo aprende a confiar na uniformidade e continuidade dos provedores externos, mas também pode confiar em si mesmo e na capacidade dos seus órgãos para enfrentar os desejos mais urgentes, compensando assim o desconforto causado pela imaturidade da homeostase com que nasceu.

MÉTODO

Amostra

Trabalhar-se-á com 32 (trinta e dois) sujeitos entre 14 e 18 anos que estudam em escolas públicas, divididos igualmente entre os sexos masculino e feminino. O primeiro contato ocorreu através da direção da escola.



Procedimentos

Utilizando-se um questionário, elaborado pela própria pesquisadora, dar-se a primeira coleta de dados. Os questionários foram aplicados na própria escola, preferencialmente, em grupos de no máximo 5 (cinco) adolescentes, para facilitar o contato. O objetivo desse questionário consistiu em identificar os sentimentos do jovem em relação aos estudos e o seu possível futuro acadêmico.

Aplicou-se o teste EAC-IJ (escala de autoconceito infanto-juvenil), dos autores Fermino Fernandes Sisto e Selma de Cássia Martinelli, destinado a avaliar, de maneira confiável, os níveis de auto-conceito e a qualidade de relações que as pessoas estabelecem consigo mesmas e com as pessoas que as cercam. Trata-se de uma avaliação quantitativa. O teste contém perguntas objetivas e foi aplicado em grupos compostos por cinco integrantes que

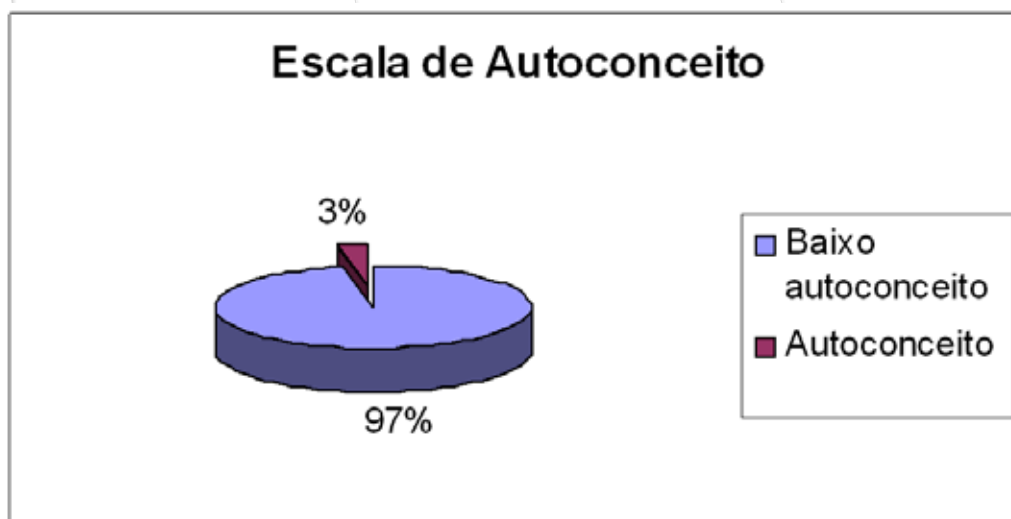
freqüentam escolas públicas. Depois, aplicou-se o teste QUATI (Questionário de Avaliação Tipológica), a fim de avaliar diferentes tipos psicológicos e verificar quais são as características psicológicas presentes em adolescentes e qual profissão seria mais adequada para cada tipo psicológico. Trata-se de uma avaliação quantitativa, baseada na tipologia de Jung. O QUATI é um instrumento com perguntas objetivas, no qual o sujeito pode escolher entre duas alternativas.

RESULTADO

Resultado do teste EAC-IJ (escala de autoconceito infanto-juvenil) destinado a avaliar, de maneira confiável, os níveis de auto-conceito e a qualidade de relações que as pessoas estabelecem consigo mesmas e com as pessoas que as cercam.

Observou-se que a maioria (97%) dos adolescentes apresentou baixo autoconceito

Gráfico 1 – Escala de autoconceito



e 3% não o apresentaram.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A escola tem o papel de possibilitar a socialização das crianças e dos jovens. É na escola que podem fazer uma maior quantidade de amigos. Os adolescentes entrevistados



indicaram que a maioria deles (97%) gosta de estudar na escola que está matriculada e 3% não gosta de estar estudando na escola em que está. Apesar de gostarem das escolas que estudam e dos amigos, pode-se perceber que 41% dos estudantes gostariam de estudar em outras escolas. Todos colocaram como justificativa que gostariam de estudar em uma escola melhor. Afirmam que gostariam de estudar em uma escola particular, porém 59% dizem que não gostariam de estudar em outra escola, por causa dos amigos, demonstrando a dependência afetiva que possuem, além de certa insegurança em ter de fazer novos amigos.

Segundo Mussen, Conger, Kagan, Huston (2001), atualmente há mais oportunidades para os jovens com mais qualificação e instrução, o que não significa garantia de um emprego de alto nível para os que tenham curso superior; porém, é uma forma de o jovem vir a ter uma remuneração melhor. Observou-se que 97% dos adolescentes pretendem cursar uma universidade e 3% não pretendem. Todos que responderam que pretendem cursar uma universidade afirmaram que assim poderiam ter um bom emprego e boa remuneração.

A maioria dos adolescentes (94%) é estimulada pelas pessoas que a cercam a cursar uma universidade e 6% não se sentem estimulados a cursar nível superior. Quando as pessoas estimulam os adolescentes a buscar aperfeiçoamento, conseguem motivar os adolescentes. Mussen, Conger, Kagan, Huston (2001) afirmam que ter um emprego que seja valorizado socialmente e ter sucesso nele aumenta a auto-estima e facilita o desenvolvimento de um senso de identidade mais seguro e estável.

Conforme Bueno, Lemos e Tomé (2004), o mundo do trabalho que se apresenta ao jovem em fase de escolha da profissão vem exigindo

um investimento cada vez mais elevado em relação ao tempo de preparo para o ingresso na atividade profissional. Quanto maior a responsabilidade da profissão escolhida, mais longo e conflitante tende a ser o período de preparação. A escolha por uma carreira universitária insere-se nesse contexto, exigindo preparação adequada, tanto para a opção por um curso quanto para o planejamento da carreira do futuro profissional.

Percebe-se que 40% dos adolescentes que mencionam desejo de cursar uma universidade ouvem que são capazes de conseguir, que deveriam ir em frente; 23%, ouvem que se quiserem conseguir um bom emprego e tiverem vontade vão conseguir; 19%, que eles têm muita chance de realizar seu sonho; 6%, que para conseguir cursar a universidade eles precisariam de um emprego muito bem remunerado, que possivelmente não iriam conseguir; 6%, que eles não possuem capacidade de cursar a universidade; e 6%, que não possuem condições financeiras para manter um curso superior. Podemos perceber que as pessoas que cercam os componentes da amostra procuram estimular os jovens a buscar uma forma de aperfeiçoamento.

Na opinião de GOMES (2004), a inserção do jovem no trabalho não é problema novo para as teorias sociológicas e econômicas. Novas, porém, são as suas manifestações, que variam inclusive conforme as latitudes, caracterizando-se pelo agravamento dos problemas. Em ordem cronológica, o funcionalismo na sociologia e a teoria do capital humano na economia encaram a educação como fruto de um processo crescente de tecnificação e complexificação do trabalho. A educação é sinônimo e a base de uma sociedade progressivamente meritocrática. Estudos clássicos assinalam o forte impacto da primeira ocupação na carreira profissional e, assim, no processo de mobilidade social, bem como a im-



portância predominante da escolaridade para ingressar no trabalho e avançar na trajetória ocupacional. A receita, portanto, é mais e melhor educação.

Pode-se comprovar que 100% dos adolescentes de escolas públicas acreditam poder cursar uma Universidade e 100%, que podem realizar seus sonhos. No momento da escolha profissional a maioria dos adolescentes (85%) considera mais importante gostar do que irá fazer, tendo em vista que o indivíduo precisa sentir prazer naquilo que faz para continuar motivado, 9% acredita ser mais importante a possibilidade de ganhar dinheiro e 9% acatam a profissão preferida pelos pais.

Conforme Bueno, Lemos e Tomé (2004), o mundo do trabalho que se apresenta ao jovem em fase de escolha da profissão vem exigindo um investimento cada vez mais elevado em relação ao tempo de preparo para o ingresso na atividade profissional. Quanto maior a responsabilidade da profissão escolhida, mais longo e conflitante tende a ser o período de preparação. A escolha por uma carreira universitária insere-se neste contexto, exigindo preparação adequada tanto para a opção por um curso quanto para o planejamento da futura carreira.

Observou-se que os estudantes das escolas públicas tiveram uma diversidade grande de profissões, apesar da maioria ainda desejar fazer cursos considerados tradicionais, (19%) não sabem o que poderiam escolher como profissão, (13%) gostaria de cursar Veterinária, (13%) Medicina, (13%) Administração, (9%) Jurisprudência, (3%) Designer, (3%) Direito, (3%) Promotoria, (3%) Biologia, (3%) Secretariado, (3%) Área Policial, (3%) Magistério, (3%) Estilista, (3%) Informática, (3%) Engenharia, (3%) Enfermagem..

O amadurecimento da identidade profissional ocorre durante toda a vida, mas tem o

seu ponto mais intenso no período correspondente à passagem da adolescência para a vida adulta. Carvalho (1995), complementa descrevendo que a aquisição da identidade profissional se constitui num processo de socialização, num desenvolver-se para assumir papéis ocupacionais adultos, decorrentes de inúmeras participações grupais, informações, assimilações de conceitos e valores, enfim, da vinculação com referenciais externos que venham a ser assimilados pelo indivíduo.

No gráfico 1, observou-se que a maioria (97%) dos adolescentes de escolas públicas apresenta um baixo autoconceito e 3% não o apresentaram. Podemos perceber que a maioria dos estudantes das escolas públicas não apresenta um auto-conceito positivo, ou seja, não percebe sua própria capacidade nem acredita em si mesmo. A maioria (49%) apresentou baixo auto-conceito nas relações escolares. Esses estudantes não acreditam nas relações interpessoais que estabeleceram no contexto escolar, avaliando-se como pessoa não muito esperta para os estudos. Acreditam que suas idéias serão rejeitadas, não conseguindo liderar. Consideram que não são vistos como uma pessoa boa e divertida na escola. Enquanto 37% têm baixo autoconceito nas relações pessoais, ou seja, são adolescentes que vivem de forma continua com a presença da preocupação, nervosismo, medos, erros e problemas; 9% da amostra apresentaram baixo auto-estima nas relações familiares – são adolescentes que se avaliam como tristes e descontentes com seus irmãos, relapsos com as coisas de casa, com suas tarefas de casa, e que mentem para os pais; e 5%, nas relações sociais, acreditam que não são inteligentes, julgam-se bobos, esquisitos, tendem a se isolar quando fracassam em alguma coisa e se vêem também sem condições de ajudar seus amigos.

A maioria dos adolescentes (81%) apresentou o foco da atenção voltado para a ex-



troversão. Os adolescentes orientam-se pelo que é objetivamente dado, dirigem sua atenção para o mundo externo. Apreciam a ação e expressam-se melhor falando do que escrevendo, gostam mais de ouvir do que de ler, porém se caracterizam por uma certa impulsividade diante das situações, precisam experimentar as coisas e situações, gostam de movimentos e mudanças constantes, sempre possuem uma resposta imediata para qualquer situação e podem, em muitos momentos, ser agressivos e agir impensadamente, sempre se arriscando. Dos adolescentes, 19% apresentam o foco da atenção voltada para Introversão. Orientam-se por fatores subjetivos, dirigem a sua atenção para o seu mundo interior de impressões acerca do mundo. São introspectivos e apreciam mais a companhia de livros do que de pessoas. Apresentam como principal característica uma certa hesitação diante da ação necessária, tendem à reflexão e a refletir antes de agir. Normalmente são controlados e retraídos, exceto quando em companhia de pessoas ítimas. Estão muito mais voltados para atividades solitárias e que se processam em seu interior, preferem compreender a realidade antes de se posicionarem nela. A função principal é a que se desenvolve de forma predominante nos indivíduos. Podemos observar que nos adolescentes a função mais desenvolvida, com 52%, é o sentimento, ou seja, os adolescentes valorizam as pessoas e coisas através de valores pessoais, tomam decisões com base em seus próprios valores pessoais, mesmo que essas decisões não tenham lógica e objetividade alguma. Sempre levam em conta o que sentem pelas pessoas e coisas ou considerando também o que os outros sentem. São muito propensos às relações pessoais, mostram facilidade em lidar com as pessoas. A segunda função mais desenvolvida é a sensação (27%). Confiam em seus órgãos dos sentidos (audição, olfato, paladar, visão e tato) para compreender objetivamente uma situação, estão mais interessados “no

aqui e no agora”, ou melhor, no dado real imediato. Assim são pessoas práticas e realistas, detalhistas, não se prendem a uma visão geral do todo, apresentando uma facilidade em lidar com objetos e máquinas que exijam precisão e cuidado, precisam de dados concretos para analisar uma situação. A terceira mais desenvolvida é a Intuição (12%); esses adolescentes partem do que estão percebendo no momento, mas esta não é sua preocupação. Estão mais interessados nos significados, nas relações e nas possibilidades futuras inerentes ao que estão percebendo. Observa-se o todo e não as particularidades de uma situação, as linhas de direção ou idéias gerais subjacentes aos detalhes aparentes e ordenados. Buscam novas soluções, novas estratégias para os problemas, e tendem a farejar possibilidades e a ter atitudes imprevisíveis, planejar mais do que executar e tornar-se útil quando há necessidade de avaliar uma situação sem dados suficientes. A quarta função mais desenvolvida é a do pensamento: 9% desses adolescentes são reflexivos, atentos à causalidade lógica de seus atos e dos eventos. Inclui na sua avaliação os prós e os contras de uma situação e buscam um padrão objetivo da verdade. Gostam de organização e da lógica, baseando sempre seu julgamento em padrões universais e coerentes, ao invés de valores pessoais. São mais voltados à razão, porém se mostram frios em seus julgamentos, conseguem fazer análise isenta de julgamentos pessoais e de significado geral.

A função auxiliar presta ajuda à função principal, exercendo uma influência co-determinante na consciência. Observa-se que no gráfico 3 a maioria dos adolescentes (40%) apresenta como função psíquica auxiliar a sensação; 25%, sentimento; 19%, intuição; 16%, apresenta como função auxiliar o pensamento.

Os diversos tipos psicológicos se referem a categorias de personalidade descritas por



Jung (1981, 1991) e resultam das combinações entre atitudes e funções. No gráfico 15, observa-se que a maioria (35%) dos adolescentes apresenta o tipo psicológico sentimento extrovertido. Esses adolescentes são extrovertidos em seu consciente e mantêm ótimos relacionamentos com as demais pessoas tendo, normalmente, numerosos amigos. Eles sabem discernir os aspectos positivos e negativos das pessoas, sabendo se relacionar com elas sem sofrer grandes decepções. Seu ponto fraco se situa no que se refere ao pensamento, ao raciocínio abstrato, à matemática e à reflexão filosófica. São adolescentes exuberantes em calor humano. Podem surpreender quando fazem julgamentos críticos e definitivos a respeito das pessoas. Se por algum motivo a sua função extrovertida falhar, emergem os pensamentos negativos e esse adolescente pode se sentir destituído de todos os valores e completamente incapaz.

Em termos de sensação extrovertido, 23% dos adolescentes pesquisados aqui apresentam essa característica. Esses adolescentes observam as roupas das pessoas, os móveis do ambiente e gostam dos prazeres da mesa e do conforto das habitações. Conseguem se adaptar facilmente às circunstâncias ao seu redor e gostam de viver bem. Esse tipo psicológico repele as questões teóricas, vendo nelas fantasias ou especulações inúteis, não percebem os desdobramentos e possibilidades dos acontecimentos de sua vida e, por isso, podem fracassar em muitos empreendimentos que realizam. Quando voltados para si mesmos, suas premonições são sempre de infortúnios ou de doenças, podendo apresentar idéias místicas carregadas de fantasias e superstições.

Observa-se que 13% dos adolescentes em questão apresentam o tipo psicológico intuição extrovertida, estão sempre buscando novas possibilidades, gostam de encontrar novas alternativas e possuem uma boa percep-

ção a respeito das mudanças que ainda estão por vir. Preferem ter várias iniciativas ao mesmo e, por isso, podem completar diversas delas, iniciando outras que o encantem mais no momento. Não gostam de situações de muita estabilidade, das quais se sentem prisioneiros. Ao mesmo tempo que são pessoas inovadoras, não prestam atenção à realidade, sendo que muitos outros podem colher o que semearam. Têm também a tendência de se recolher do mundo externo e dos seus problemas. Podem se encantar com aspectos pouco práticos da vida e se emocionar com eles de forma exagerada.

Sentimento introvertido foi apresentado por 13% deles. São adolescentes geralmente calmos, retraídos e silenciosos, mas difíceis de serem compreendidos, pois suas verdadeiras intenções permanecem ocultas. Por isso, parecem ser envolvidos por algo enigmático. Seus sentimentos são bem diferenciados, mas geralmente não são expressos, sendo secretos e intensos. Os relacionamentos tendem a ser bem medidos e as manifestações emocionais exuberantes não são agradáveis para eles. Podem desenvolver idéias religiosas ou humanitárias, de forma apaixonada e devotada. Dentro de suas reservas, demonstram intenso interesse por vários fatos do mundo externo e por isso lêem e guardam mais informações sobre assuntos variados. Porém, suas construções intelectuais podem não ser das mais ricas, podendo desenvolver a monomania, que é a tendência de explicar todos os fatos através de um único pensamento orientador. Com frequência se preocupam com o que os outros pensam a seu respeito.

Percebe-se que 10% dos adolescentes apresentam o tipo pensamento extrovertido, cuja a personalidade é extrovertida e os pensamentos estão direcionados para o exterior; suas atitudes tendem a estabelecer ordem lógica e clara entre as coisas concretas. A con-



duta desses adolescentes tende a ser pauta-da por regras rigorosas, que são transpostas para as demais pessoas. Podem apresentar grandes dificuldades de expressar seus sentimentos, o que os torna mais apreciados no ambiente profissional e social do que no ambiente familiar, podendo em alguns momentos ter explosões de afeto súbitas, violentas e até destrutivas, já que a sua afetividade se encontra muitas vezes em seu inconsciente.

Os adolescentes que apresentaram tipo intuitivo introvertida foram 3%. São sensíveis às suas intuições, mas não se sentem propensos a colocá-las em prática. As solicitações da realidade externa podem trazer muitos transtornos, porém entendem os desdobramentos do inconsciente coletivo e as transformações do seu conteúdo, no tempo e na história. Contudo, as fantasias podem distanciar-los da realidade cotidiana. Tendem a conseguir executar vários projetos e a observar os fatos externos de forma um tanto nebulosa.

Os adolescentes das escolas públicas apresentaram 3% do tipo psicológico sensação introversão. São adolescentes sensíveis às impressões provindas dos objetos exteriores, mas não demonstram essa sensibilidade para com as outras pessoas. Por isso, poderão surpreender por atitudes que demonstram está intensidade com relação a determinados objetos, sem que estes objetos tenham, necessariamente, um valor tão significativo para as demais pessoas. Preocupam-se muito com a aparência física, e as intuições que surgem podem ser perturbadoras.

CONCLUSÃO

Através dos dados levantados pelo questionário e testes, pode-se concluir que:

- O fator que influencia na escolha profissional é gostar da profissão.
- Os adolescentes que estudam em escolas públicas apresentam um autoconceito baixo.

Percebeu-se que eles desejam cursar uma universidade, mesmo que a maioria não saiba ainda o curso. Querem cursar o ensino superior por acreditarem que esta seja a única forma de conquistar um padrão de vida melhor.

A grande maioria afirma que recebe incentivos dos familiares e amigos para cursarem o nível superior, fato que não confirma a hipótese de que os adolescentes que estudam em escolas públicas são corriqueiramente desmotivados pelas pessoas que os cercam a buscar uma melhor condição de vida.

Os adolescentes são inseguros, não acreditam naquilo que sabem, são extrovertidos e mantêm ótimos relacionamentos com as demais pessoas, tendo normalmente numerosos amigos. Têm dificuldades com o raciocínio abstrato, com a disciplina Matemática e com reflexões filosóficas. São adolescentes exuberantes em calor humano e podem surpreender quando fazem julgamentos críticos e definitivos a respeito das pessoas. Em alguns momentos podem apresentar pensamentos negativos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABERASTURY A.; KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BLOS, P. Adolescência: uma interpretação psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BUENO, J. M. H.; LEMOS, C. G.; TOMÉ,



F. A. M. F. Interesses profissionais de um grupo de estudantes de psicologia e suas relações com inteligência e personalidade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 271-278, maio/ago. 2004.

CABRAL, A.; NICK, E. Dicionário técnico de psicologia. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

CAMPOS, D. M. S. Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

CARVALHO, M. M. M. J. Orientação profissional em grupo. Campinas: Psy, 1995.

DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

ERIKSON, E. Juventude, crise e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. Teorias da personalidade. São Paulo: Harbra, 1980.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, (1980). CD-ROM.

FREUD, S. O aparelho psíquico e mundo externo. In: Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, (1980). CD-ROM.

GOMES, C. A. A educação em novas perspectivas sociológicas. São Paulo: EPU, 2004.

JUNG, C.G. Tipos Psicológicos. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 4a. edição, 1981.

MUSSEN, P.H. et al. Desenvolvimento

e personalidade da criança. São Paulo: Harbra, 2001.

PERLS, F. Testemunha ocular da terapia. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

PIRES, D. Reestruturação produtiva e trabalho em saúde no Brasil. São Paulo: Annablume, 1998.

POCHMANN, M. O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização final do século. São Paulo: Contexto, 1999.

ROGERS, C. R. Torna-se pessoa. Tradução M. J. C. Ferreira, A. Lamparelli. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SALIM, Celso Amorim. Doenças do trabalho: exclusão, segregação e relações de gênero. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 17, n. 1, p.11-24 jan./mar. 2003.

TOLEDO, E.G. La flexibilidad del trabajo en América Latina. *Revista Latino-Americana de Estudos do Trabalho*, Bueno Áries, ano 3, n. 5, p.129-157, 1997.